

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO
COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO

ANA FLÁVIA LAMBERT CÉZAR

CIDADE FRAGMENTADA
Fotografias da vida urbana

Bauru

2018

ANA FLÁVIA LAMBERT CÉZAR

CIDADE FRAGMENTADA: FOTOGRAFIAS DA VIDA URBANA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” como requisito parcial para obtenção do certificado de graduação em Comunicação Social – Jornalismo. Orientador: Prof. Dr. Célio José Losnak

Bauru

2018

ANA FLÁVIA LAMBERT CÉZAR

CIDADE FRAGMENTADA: FOTOGRAFIAS DA VIDA URBANA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” como requisito parcial para obtenção do certificado de graduação em Comunicação Social – Jornalismo.

Aprovado em 24/01/2018

BANCA EXAMINADORA

Prof^o. Dr^a. Célio José Losnak
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Prof^a. Dr^a. Verônica Sales Pereira
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

João Correia Filho
Jornalista e Fotógrafo freelancer

Agradecimentos

Que seja perdoado o clichê afetivo que serão estes agradecimentos. Mas não tem outro modo. Não tem como não agradecer aos meus pais que, desde que aprendi a ler, me incentivam a chegar o mais longe que eu conseguir. E em especial à minha mãe que me presenteou com a câmera que tornou este trabalho possível.

À minha família que de pouco em pouco permitiu a jornada de todos até aqui. Às minhas amigas de casa que ouviram os desafios, os medos e as inseguranças sobre o projeto e acreditaram mais em mim que eu mesma. Eu tive sorte. Ao primeiro agradecimento nominal, Laís, uma amiga-casa-guia que é o apoio preu pular os muros que invento e os que o mundo impõe.

A todos os meus amigos que de alguma forma expressaram apoio, motivaram-me e inspiram o meu trabalho. Um obrigado ao Matheus que me doou um pouco de tempo e conhecimento e tornou a diagramação deste trabalho possível. Um obrigado às pessoas do Projeto Formiguinha por me acolherem e ajudarem na execução do projeto.

Um gigante agradecimento a todos os meus professores. Mas, em especial, ao meu orientador Célio José Losnak pelas horas de conversa e aprendizado, pela paciência e ajuda e por acreditar na minha ideia. À Ana Thereza que me ensinou inglês e a ser corajosa. À Eliza Casadei que me deu aulas de fotojornalismo e me mostrou uma possibilidade em um momento de incertezas. E à Paula Machado por ter me dado a chance de estar próxima da fotografia e me mostrar que fotografia não é sobre técnica. A fotografia é por onde queremos caminhar e trazer as pessoas conosco.

Sendo assim, um último agradecimento às pessoas que conversaram comigo, permitiram serem fotografadas, me contaram histórias e confiaram em mim. E à banca examinadora que aceitou o convite. O mundo é imenso, mas nos fragmentos de tempo que estivemos juntos, tudo valeu a pena.

Resumo

Cidade Fragmentada: Fotografias da vida urbana é uma coletânea de cartões postais que retratam o cotidiano de quatro bairros de Bauru: Jardim América, Jardim Bela Vista, Núcleo Habitacional Presidente Geisel e Parque Residencial Pousada da Esperança II. As fotografias buscam demonstrar a identidade desses espaços tão diversos em construções físicas, espaços de lazer e consumo, meios de transporte e população produzindo imagens sensíveis do ponto de vista humano. Os objetivos deste trabalho foram documentar as nuances da estrutura urbana e a diversidade de modos de viver de um mesmo território demonstrando a individualidade dos espaços que compõem uma mesma cidade.

Palavras-chave: Bauru; fotorreportagem; jornalismo; cidade.

	5
Introdução	6
O presente relatório visa complementar o produto jornalístico Cidade Fragmentada: Fotografias da vida urbana, desenvolvido na forma de cartões postais, esclarecendo a escolha do tema, metodologia utilizada, os objetivos pretendidos e considerações acerca do produto final. Será, também, uma forma da autora relatar as etapas de produção do projeto experimental do ponto de vista profissional, acadêmico e pessoal.	6
1.1 O projeto: Cidade Fragmentada - Fotografia da vida urbana	6
1.2 A história das cidades	13
1.3 Fotografia como recurso de expressão	15
1.3.1 Fotojornalismo	16
1.3.2 Fotografia Urbana	18
2 Bauru	19
2.1 Bela Vista	21
2.2 Jardim América	22
2.3 Pousada da Esperança II	22
2.4 Núcleo Habitacional Presidente Geisel	23
3 Produção jornalística	24
3.1 Formato: O cartão postal	25
3.2 Metodologia de execução	27
3.3 Descrição técnica	31
Considerações finais	33
Referências bibliográficas	35
Anexos	38
1. Mapas	
2. Fotografias	

Introdução

O presente relatório visa complementar o produto jornalístico *Cidade Fragmentada: Fotografias da vida urbana*, desenvolvido na forma de cartões postais, esclarecendo a escolha do tema, metodologia utilizada, os objetivos pretendidos e considerações acerca do produto final. Será, também, uma forma da autora relatar as etapas de produção do projeto experimental do ponto de vista profissional, acadêmico e pessoal.

1.1 O projeto: Cidade Fragmentada - Fotografia da vida urbana

O presente trabalho tem como objeto a investigação da cidade enquanto espaço de convivência, conflito e transformação pelos cidadãos. O interesse jornalístico pelo objeto se justifica pelos fatos e acontecimentos que ocorrem neste espaço coletivo que é, simultaneamente, um compilado de moradias e demandas individuais. Assim, a cidade se mostra como uma fonte pungente de pautas para a apuração jornalística reportando movimentações sociais nos espaços públicos e que podem ser influenciados pela forma em que se estrutura a logística do bairro, pelos espaços de interação social e pelos serviços oferecidos.

A autora passou a se interessar pelo tema à medida que se mudou para Bauru, em 2014. Isto porque, nascida em Cambuí — localidade do interior de Minas Gerais, com cerca de 30.000 habitantes — a cidade de Bauru proporcionou à autora revisitar suas noções de cidade, desigualdade social, identidade, violência, distâncias, qualidade de vida e reconhecimento local. Tal fato também foi possível porque a autora se envolveu em projetos sociais em comunidades periféricas por um lado e, por outro, esteve envolvida em eventos culturais que lhe proporcionaram conhecer regiões mais abastadas da urbe.

Essas incursões pelo território bauruense sempre deixaram uma sensação de incômodo na autora que, neste projeto experimental, encontrou a oportunidade de responder a determinados questionamentos sobre a constituição dos bairros e sobre seus moradores. Abarca o interesse deste projeto, utilizar a pesquisa como forma de devolução de conhecimento à comunidade local e a responsabilidade social de retorno de investimento à sociedade, pilar da Universidade Pública.

É objetivo deste trabalho destrinchar os símbolos visuais decodificáveis da estrutura urbana a fim de compreender a identidade dos bairros registrados: qual a história daquele

espaço, que pessoas moram ali e quais demandas aquela região possui. Comenta Santos e Vogel (1985, p. 8) sobre “o urbano enquanto experiência processual” que oferece como objetos observáveis: a arquitetura; o planejamento urbano, como as vias de tráfego; os espaços públicos e os privados, os investimentos financeiros e as leis que regem a cidade.

Em primeira instância, realizou-se pesquisa teórica acerca da caracterização das cidades e suas falhas tais como as possíveis resoluções sociais, empreendida pela bibliografia sobre Arquitetura e Urbanismo. Neste ponto, delineou-se como ideia e objetivo deste projeto experimental investigar a estrutura urbana pública e a ocupação cidadã dos espaços.

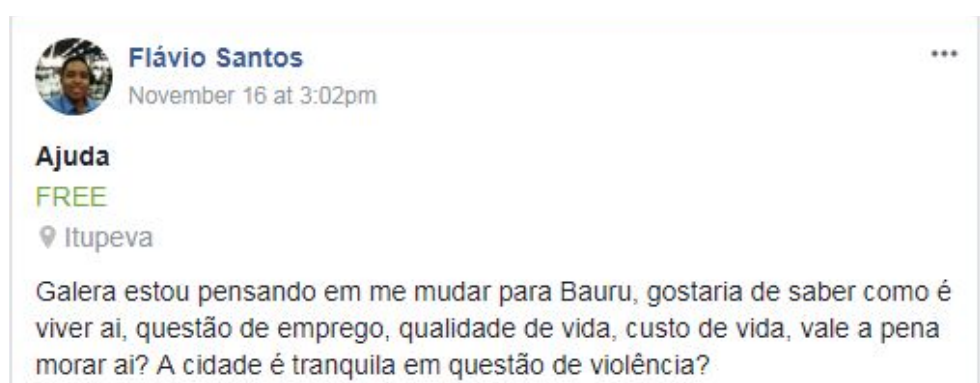
A ferramenta de expressão escolhida foi a Fotografia. Através dos registros, imagéticos, buscava-se registrar as condições de uso de praças, ruas, iluminação, além da movimentação das pessoas pelos diferentes meios de transporte. Assim, a partir da comparação entre os bairros, seria possível ampliar o debate sobre a estrutura urbana pública de Bauru.

No entanto, ao experienciar a vivência dos bairros, a autora encontrou um confronto ante à sua tese inicial: a estrutura urbana não se difere como ela supôs em seu primeiro momento de investigação. Tanto nos bairros mais centrais e ricos, como nos mais distantes e pobres, a estrutura urbana pública é básica e as dificuldades enfrentadas como falta de água ou asfalto precário se estende por todos os espaços. Isto, claro, faz-se ressalvas para a diferença entre os serviços privados como os condomínios residenciais. Porém, ao mesmo tempo em que a primeira tese “caiu”, foram apresentadas novas: a preocupação com a violência, a desconfiança com o próximo e o receio com a privacidade.

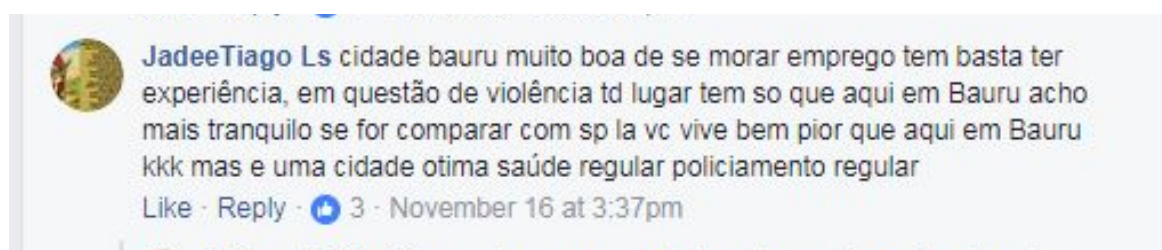
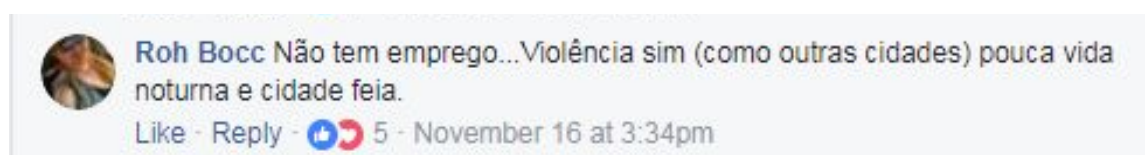
A autora, ao visitar os bairros e explorá-los com sua câmera no pescoço, ouviu de alguns moradores, preocupados com assaltos e com a questão de gênero (uma mulher andando sozinha em um local que não mora), o quanto era um projeto perigoso de realizar. Também sentiu desconfiança por parte de muitos moradores ao mirar sua câmera para espaços públicos, fachadas de casa ou registro do trânsito. Assim, a autora encontrou uma nova tese para seu trabalho: a cidade é tão violenta quanto parece? todas as pessoas vivem com medo? ainda dá para ocupar o espaço da rua? a rua é mesmo pública?

Em [um publicação online](#) na rede social Facebook, realizada por um interessado em se mudar para a cidade de Bauru, no grupo de discussão [Feira do Rolo](#) foi possível coletar espontaneamente algumas opiniões sobre o tema “violência” na cidade. O grupo de discussão tem o intuito de venda e troca de produtos entre os membros e as postagens são abertas para

visualização de todos os membros. No momento da consulta deste trabalho, o grupo contava com 158.092 membros. Abaixo, têm-se a publicação realizada no dia 16/11/2017. A autora considerou que não poderia provocar discussão melhor do que a originada na publicação, portanto fez uso deste material. No entanto, ressalta as problemáticas da comunicação online quanto à expressão de argumentos e a exaltação das ideias que, em um momento, se fosse realizada a mesma pergunta presencialmente com o intuito do trabalho obtivesse diferentes respostas.



A publicação gerou intenso debate entre os moradores da cidade. Enquanto para uns, a cidade é violenta demais, para outros, é pacata se comparada a cidades maiores ou mesmo que tem violência em todo lugar. Foram selecionadas pela autora as respostas mais representativas, tanto de quem é positivo como de quem é negativo quanto ao tema.





Thiago Martinele É uma cidade boa, pra ensino, pra emprego é razoável, mas isso depende muito da sua formação, pra você pode ser muito boa nesse quesito, tem bom comércio, tem bons lugares pra lazer, tem shoppings, restaurantes, parque pra passear, avenidas pra correr, tem seus pesares como qualquer cidade tem. Nunca fui assaltado, nem estive presente em situações tensas com relação a violência, acho que vai muito do lugar onde você vai morar. De resto cara, se vier, boa sorte e seja bem vindo, não ligue para os maus comentários, reclamam mas não vão embora daqui.

Like · Reply ·   12 · November 16 at 3:52pm



Sebastiana Ribeiro da Silva Amiga conheço BAURU DESDE ANO64 MINHA FAMÍLIA AINDA MORA LA EMPREGO ESTA DIFÍCIL EM TODOS LUGAR MAS COM FE A DEUS SE CONSEGUE VIOLENCIA AS VRZES MAS NAO TANTO COMO SAO PAULO E RIO DE JANEIRO QUE E SO A MAO PODEROSA DE DEUS PARA CONSERTAR

Like · Reply ·  3 · November 16 at 4:17pm



Luiza Soares Bauru ta violento sim olhas noticias daqui anoiteceu eu nem saio apé é um perigo é querer ser assaltado pra sumir o país ta uma merda não tem nada fe bom nesse país é uma terra sem lei

Like · Reply · November 16 at 4:38pm



Eder Basilio Para d conta lorota po cara.. aki e d boa sim emprego tah meio fraco... o povo q quer muita paz tem q ir po cemiterio so la é quieto.. todo lugar tem bandido e outras coisa d ruimn.. nao ta bao em bauru.. mu po afeganistao nada ta bao pra esse povo

Like · Reply ·   4 · November 17 at 2:20pm



Raquel Cordeiro Paz é o q não se tem nessa cidade! Já foi calma e sossegada! Muita bandidagem! As portas doa dos comércios da cidade estão se fechando no calçadão. Droga e fumeiros pra todo lado! Quando chove a cidade fica toda alagada....

Like · Reply ·   3 · November 17 at 3:42pm · Edited

Além disso, tal objetivo de investigação veio ao encontro com a experiência da autora durante a graduação em que foi requerido algumas vezes a análise de materiais jornalísticos produzidos por revistas, jornais e portais dos grandes veículos de mídia incitando o debate quanto à responsabilidade da mídia na seleção de pautas, publicação de notícias e nos termos utilizados que atuam na manutenção de preconceitos. Ao realizar tais exercícios, a autora já havia notado como se dão as notícias sobre a cidade e buscou exemplos no jornalismo local para verificar se o mesmo acontecia na cidade de Bauru, assim exemplificado em algumas

manchetes abaixo. Publicadas em 2017, retiradas das publicações online dos veículos, opção realizada devido a falta de tempo para uma pesquisa mais aprofundada nos materiais impressos, visto que não era o objetivo principal deste trabalho.

The screenshot shows the website for 94 FM. The header includes navigation links: ENQUETE, RÁDIO ONLINE, and CONTATO. The main navigation bar lists: A RÁDIO, COMERCIAL, COLUNISTAS, TOP50, PET, PROMOÇÕES, ENQUETE, RÁDIO ONLINE, and NOTÍCIAS. The article title is "Violento, trânsito de Bauru registra mais uma vítima fatal". The author is "Por Jornalismo 94FM - 7 de Janeiro de 2017" with 13185 views. The text describes a fatal accident on a highway in Bauru on a Saturday, involving a 33-year-old man who lost control of his motorcycle. A police investigation is ongoing.

Qual dos novatos teria mais chance para a presidência em 2018?

- Fernando Haddad
- Jair Bolsonaro
- João Dória
- Joaquim Barbosa
- Marina Silva

The screenshot shows the website for Jcnet.com.br. The header includes the logo and the date "Bauru e grande região - Sexta-feira, 05 de janeiro de 2018". The article title is "Em 2017, crimes já causam 7 vezes mais mortes do que 2016 em Bauru". The author is "Marcele Tonelli". The text states that 2017 began with a sharp increase in violent deaths in Bauru, with 14 deaths in the first two months, compared to an average of one death every four days. The article also mentions that most cases are concentrated in the north and northwest regions of the city.

DROGAS

Para o major Fernando Xavier Pinto, comandante interino do 4.º Batalhão de Polícia Militar do Interior (4.º BPM-I), a maioria dos casos, que é caracterizada por crime de execução, está ligada ao avanço das drogas na cidade.

"Mesmo que tivéssemos uma viatura em cada quarteirão, isso não impediria o criminoso de executar um concorrente dele", opina o major. "São queimas de arquivo em decorrência de brigas por pontos de tráfico, ou seja, por lucro", acrescenta o comandante do 4.º BPM-I.

24/02/2017 17h35 - Atualizado em 24/02/2017 17h35

Polícia investiga morte de homem baleado em Bauru

Segundo a polícia, vítima foi alvejada com 11 tiros. Vizinhos ouviram os tiros e chamaram a polícia.

Do G1 Bauru e Marília



Um homem morreu baleado na noite de quinta-feira (23) em **Bauru** (SP). Segundo a polícia, ele foi alvejado com 11 tiros. A Polícia Civil vai investigar o caso.

O corpo de Thiago Leandro Hashimoto dos Santos, de 33 anos, foi encontrado na Rua Aníbal Rodrigues da Silva, no bairro Bauru 22. Segundo a polícia, vizinhos escutaram os disparos de arma de fogo e chamaram a equipe. Quando a viatura chegou, a vítima já estava caída em via pública.

Bauru e Marília

veja tudo sobre >



'Sonho interrompido', diz amigo de piloto que morreu após...

HÁ 1 HORA

Hospital Estadual de Bauru comemora 15 anos com atividades especiais

HÁ 2 HORAS



Idosa engasga com pão e é salva após orientações dos...

HÁ 3 HORAS



Bauru e grande região - Quinta-feira, 16 de novembro de 2017

máx. 33° / min. 23°

Busque no JCNET

buscar

Notícias

- ▶ Política
- ▶ Economia
- ▶ Geral
- ▶ Polícia
- ▶ Bairros
- ▶ Esportes
- ▶ Regional
- ▶ Cultura
- ▶ Nacional
- ▶ Internacional

Canais

- ▶ Classificados
- ▶ Agendinha
- ▶ Cinema
- ▶ Bauru Pocket

Colunas

- ▶ Tribuna do Leitor
- ▶ Entrelinhas
- ▶ Em Confiança
- ▶ Horóscopo
- ▶ Programação de TV

Serviços

- ▶ Falecimentos
- ▶ JC na escola
- ▶ Loterias

01/08/2017 10:10 - **Polícia**

Bauru: bandidos fazem série de assaltos em pontos diferentes de Bauru

Heitor Carvalho



Uma série de roubos foi registrada ao longo desta segunda-feira (31) em pontos diferentes de Bauru.

Vila Bela

O primeiro roubo aconteceu por volta de 15h30, quando um estabelecimento comercial localizado na Vila Bela foi assaltado por um adolescente de 17 anos. Segundo o boletim de ocorrência (BO), o ladrão levou cerca de R\$ 200,00 do caixa e um aparelho celular.

O jovem foi encontrado por policiais militares nas imediações do local do roubo. Ele estava com uma arma de brinquedo, 21 porções de maconha (15,7 g) e a quantia de R\$ 12,00, mas negou ter participado do assalto. No entanto, após ser encaminhado ao plantão policial, o adolescente foi reconhecido pelas vítimas e apreendido.

Vila Falcão

Na Vila Falcão, um consultório médico foi assaltado logo após um estabelecimento comercial vizinho ter sofrido uma tentativa de roubo. De acordo com o boletim de ocorrência, o autor fez menção de estar armado em ambas as crimes.

NOTICIA CCB - ANCIÃO ASSASSINADO com 3 TIROS em BAURU ...



https://www.youtube.com/watch?v=6NcQp_gCDm0

20 de jun de 2017 - Vídeo enviado por VIVAaVIDAaoMaximo

NOTICIA CCB - ANCIÃO ASSASSINADO com 3 TIROS em BAURU ... Era pra ter algum BO, afinal, ela ...

Homem é morto a tiros no Parque Viaduto em Bauru - YouTube



<https://www.youtube.com/watch?v=CvYIV3I95kw>

7 de ago de 2017 - Vídeo enviado por Record TV Paulista

A Polícia Civil investiga a **morte** de um homem de 25 anos, na noite de ontem (03/08), no Parque ...

Créditos das imagens: Reprodução. Acesso em: 16/11/2017

Em paralelo, diante da reflexão em torno dessas manchetes e da quantidade de notícias que são produzidas sobre violência na cidade, a autora pesquisou narrativas positivas

acerca dos bairros publicadas nos jornais. Não foi encontrado material suficiente para exemplificações. Assim, este projeto experimental visa suprir esta lacuna sobre a visão das cidades, oferecendo registros fotográficos do material e o simbólico presente no urbano que conta a história de um território e sua população partindo do fotojornalismo como recurso de reportagem.

Como resultado, espera-se demonstrar a identidade e história do bairro a partir do registro das construções, das pessoas, das cores, formas, fachadas e fluxo de carros, pessoas, bicicletas, motos etc que caracterizam a vida naquele espaço territorial. Busca-se a valorização do espaço e a conseqüente valorização dos moradores desses territórios. Objetiva-se registrar, também, comércios, muros, janelas — detalhes que caracterizam a identidade do bairro quanto às suas construções e demonstram o zelo dos moradores com suas residências e as condições socioeconômicas da população da região.

O produto final a que se destina esta pesquisa, a fotorreportagem *Cidade Fragmentada: Fotografias da vida urbana* visa a documentação do cotidiano dos bairros selecionados, quanto à estrutura urbana, e os cidadãos aos moldes de crônica de costumes. Também objetiva dar visibilidade às questões sociais pouco aprofundadas no jornalismo diário, como trazer narrativas sobre a cidade que não estejam focalizadas nas regiões centrais. Além disso, interessa à autora a possibilidade do projeto ser uma ferramenta que possibilite tirar as pessoas do “automático” em suas vivências cotidianas, elucidando os detalhes urbanos que as cercam e de como cada habitante colabora na estrutura e no cotidiano da cidade.

Além dos objetivos técnicos-metodológicos, a autora buscou respostas como jornalista em campo: será possível executar este projeto ante aos entraves mencionados pelos moradores como a violência e a exposição? Será que as pessoas estarão abertas ao diálogo? Outra questão observada para investigação diz respeito à valorização do local e da história: saberiam os moradores informar detalhes sobre o bairro? O detalhamento do relato desta vivência se dará mais adiante, como parte integrante da descrição da produção jornalística.

O projeto pautou-se em demonstrar, por meio da fotografia, uma cidade mais humana. Como é critério das reportagens, temos os personagens da história, o fato e as fontes. Baseada na observação da autora e no diálogo informal com moradores de Bauru com quem a autora tem contato e discutiu os detalhes do projeto, chegou-se a pessoas mais aptas para obtenção de informações acerca dos bairros escolhidos por serem moradores mais

antigos dessas regiões e, portanto, poderem colaborar com informações históricas. Assim, foram personagens da história os moradores anônimos transeuntes, o fato apresentado é a identidade do bairro (uma “pauta fria”, já que não acompanha um acontecimento, mas que torna viável a execução de um projeto mais longo) e as fontes entrevistadas são moradores de longa data do bairro, representantes e ex-representantes políticos e funcionários públicos.

A escolha do título do projeto buscou unir os conceitos principais envolvidos na concepção como a cidade, desigualdade social, o cotidiano e, também, por se tratar de um projeto que oferece uma visão fragmentada acerca do bairro, uma vez que seria impossível chegar à completude por meio de fotografias de um espaço que está em constante transformação. Explica Salgueiro (1998), no resumo do artigo intitulado *Cidade pós-moderna: espaço fragmentado*, sobre o conceito cidade fragmentada: “uma organização territorial marcada pela existência de enclaves territoriais distintos e sem continuidade e com a estrutura socioespacial que os cerca. A fragmentação traduz o aumento intenso da diferenciação e a existência de rupturas entre os vários grupos sociais, organizações e territórios”

Ainda segundo Salgueiro (1998),

a homogeneidade das áreas sociais traduz o novo papel que o espaço assumiu na identificação das pessoas quando o industrialismo acelerou a mobilidade social e o reconhecimento do estatuto se passou a fazer pela posse de bens. A casa e, mais do que isso, o bairro de residência entram no conjunto de bens que oferecem reconhecimento (SALGUEIRO, 1998, p. 40)

1.2 A história das cidades

A cidade nasce da necessidade do homem de mediar a vida coletiva e a natureza em um modelo sistematizado em que os espaços e construções possuem funções a partir das demandas sociais. As cidades existem desde a Antiguidade (vale lembrar da Mesopotâmia, Egito e Atenas), “ao contrário da cidade antiga, fechada e vigiada para se defender de inimigos internos e externos, a cidade contemporânea se caracteriza pela velocidade de circulação” (ROLNIK, 1995, p. 9) de pessoas, mercadorias e ideias, a chamada “Globalização”.

Na modernidade, sem planejamento público ou, como apresenta a autora Jane Jacobs em *Morte e Vida de Grandes Cidades* (2011), com um planejamento urbano voltado para interesses privados, as cidades cresceram por meio do desenvolvimento do capital

propiciando espaços segregados, fragmentados e desiguais entre seus próprios bairros. Jacobs (2011) apresenta o resultado deste processo, esmiuçando suas consequências urbanas

conjuntos habitacionais de baixa renda que se tornaram núcleos de delinquência, vandalismo e desesperança social generalizada, piores do que os cortiços que pretendiam substituir; conjuntos habitacionais de renda média que são verdadeiros monumentos à monotonia e à padronização, fechados a qualquer tipo de exuberância ou vivacidade da vida urbana; conjuntos habitacionais de luxo que atenuam sua vacuidade, ou tentam atenuá-la, com uma vulgaridade insípida; centros culturais incapazes de comportar uma boa livraria; centros cívicos evitados por todos, exceto desocupados, que têm menos opções de lazer do que as outras pessoas; centros comerciais que são fracas imitações das lojas de rede suburbanas padronizadas; passeios públicos que vão do nada a lugar nenhum e nos quais não há gente passeando; (JACOBS, 2014, p. 14)

Agregando um ponto de vista ao de Jacobs, o livro *O que é cidade*, de Rolnik (1995) apresenta que de “Babel à Brasília”, esta se constitui como

fruto da imaginação e do trabalho articulado de muitos homens, a cidade é uma obra coletiva que desafia a natureza (...) centro e expressão de domínio sobre um território, sede do poder e da administração, lugar de produção de mitos e símbolos (ROLNIK, 1995, p. 8).

A cidade atua como reflexo da sociedade, pois é o espaço de encenação do indivíduo enquanto cidadão. Argumenta Annateresa Fabris (2000)

a rua é tudo para o homem moderno: ensina-lhe todas as noções, da liberdade à difamação, da alegria e do amor à aspiração de dinheiro. Lugar da política, do “pavor da surpresa”, da polícia, do juízo, da aprovação, é nela que se condensam todas as ambições humanas, é nela que o homem alcança a maior abundância e a maior celebridade” (FABRIS, 2000, p. 16).

Sendo a sua própria finalidade, a cidade produz e reproduz a história da humanidade atuando como a linguagem expressiva das transformações sociais e como retrato de épocas históricas e tendências, sendo assim tema de investigação das Ciências Humanas e das Sociais Aplicadas em que se enquadra o Jornalismo.

1.3 Fotografia como recurso de expressão

A ferramenta comunicacional deste trabalho, a fotografia, é apresentada por Kossoy (2001): “o mundo tornou-se de certa forma ‘familiar’ após o advento da fotografia; o homem passou a ter um conhecimento mais preciso e amplo de outras realidades que lhe era, até aquele momento, transmitidas unicamente pela tradição escrita, verbal e pictórica” (KOSSOY, 2001, p. 26) e, continua: “a imagem do real retida pela fotografia (quando preservada ou reproduzida) fornece o testemunho visual e material dos fatos aos espectadores ausentes da cena. A imagem fotográfica é o que resta do acontecido, fragmento congelado de uma realidade passada, informação maior de vida e de morte” (KOSSOY, 2001, p. 36-37).

Do ponto de vista técnico, a possibilidade de aproximar pessoas que vivem em locais distantes um do outro por meio da imagem mostrou-se interessante ao objetivo do projeto e ao impacto de sensibilização que se objetiva. Acresce a isso, a concepção do projeto experimental como uma fonte de documentação histórica imagética quanto às condições de vida, habitação e transporte dos bairros escolhidos, não existindo outro material semelhante sendo desenvolvido na cidade com essas intenções.

Já do ponto de vista pessoal, a escolha pelo gênero se deu pela familiaridade da autora com a produção de fotografia urbana. Durante os semestres da disciplina de Fotojornalismo I e II ministrados na Universidade Estadual Paulista, a autora desenvolveu projetos e pesquisas na área, investigando a obra de fotógrafos como Thomas Farkas, Cartier Bresson, Berenice Abbot e Sebastião Salgado. Além disso, como argumenta Kossoy (2001)

A fotografia, por ser um meio de expressão individual, sempre se prestou a incursões puramente estéticas; a imaginação criadora é pois inerente a essa forma de expressão; não pode ser entendida apenas como registro da realidade dita factual. A deformação intencional dos assuntos através das possibilidades de efeitos ópticos e químicos, assim como a abstração, montagem e alteração visual da ordem natural das coisas, a criação enfim de novas realidades têm sido exploradas constantemente pelos fotógrafos. Neste sentido, o assunto teatralmente construído segundo uma proposta dramática, psicológica, surrealista, romântica, política, caricaturesca etc., embora fruto do imaginário do autor, não deixa de ser um visível fotográfico captado por uma realidade imaginada. Seu respectivo registro visual documenta a atividade criativa do autor, além de ser, em si mesmo, uma manifestação de arte (KOSSOY, 2001, pág. 49)

Assim, mostra-se a necessidade de uma formação cultural sólida da autora uma vez que a fotografia também é uma atividade criativa de uma “realidade imaginada”, portanto para operar como filtros da narrativa na “criação de novas realidades” e da proposta temática do projeto, destaca-se a relevância da formação Humanística oferecida durante a graduação da autora e da participação em projetos de extensão aplicando conceitos de jornalismo cultural, estética e crítica.

1.3.1 Fotojornalismo

A discussão teórica sobre fotojornalismo deste trabalho se orienta pelos estudos do autor Jorge Pedro Sousa na publicação *Fotojornalismo: introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa* (2004) que supre a lacuna de conceituação do que é e como trabalha o fotojornalista e fornece as classificações de reportagem deste projeto experimental. Sousa descreve no prólogo

o fotojornalismo é uma atividade singular que usa a fotografia como um veículo de observação, de informação, de análise e de opinião sobre a vida humana e as consequências que ela traz ao Planeta. A fotografia jornalística mostra, revela, expõe, denuncia, opina (SOUSA, 2004, p. 9)

e continua

O fotojornalismo é, na realidade, uma atividade sem fronteiras claramente delimitadas. O termo pode abranger quer as fotografias de notícias, quer as fotografias de grandes projetos documentais, passando pelas ilustrações fotográficas e pelos *features* (as fotografias intemporais de situações peculiares com que o fotógrafo depara), entre outras (SOUSA, 2004, p. 11)

Os recursos de construção de sentido da imagem apresentados pelo autor durante o livro mencionado foram considerados na execução do ato fotográfico. Algumas “soluções linguístico-expressivas”, como descreve Sousa, utilizadas para destacar os elementos interessantes da foto e concentrar a atenção do receptor foram: profundidade de campo, preocupação com o contraste entre motivo e fundo, aproveitamento do contraste cromático, utilização do contraste luz-sombra, captação da imagem focalizada, poses, presença de determinados objetos, o uso da regra dos terços no enquadramento, os diferentes ângulos (de

frente, de cima, de baixo), linhas, texturas, padrões, repetições, isolamento, cores e o embelezamento da imagem ou dos seus elementos durante a edição.

Sobre os enquadramentos escolhidos durante a produção das imagens, considerou-se os quatro tipos de planos apresentados por Sousa (2004). Com predominância dos “planos gerais”, por opção de serem os fundamentalmente informativos e que situam o observador. No registro das pessoas, utilizou-se os “planos de conjunto”, mais fechados, onde se distinguem os intervenientes da ação e a própria ação com facilidade e o “plano médio” em que se relaciona os objetos/sujeitos fotográficos, aproximando-se de uma visão “objetiva” da realidade. E, por fim, o uso do “grande plano”, enfatizando as particularidades (uma janela, um muro, um objeto...) trazem a sensibilidade necessária no trato ao tema.

Sousa ainda discorre sobre a importância do texto no fotojornalismo. Conforme aponta o autor, não existe fotojornalismo sem texto

Imaginemos a fotografia de um instante qualquer, por exemplo, de um instante de uma guerra. Essa fotografia pode ser extraordinariamente expressiva e tecnicamente irrepreensível. Mas se não possuir um texto que a ancore, a imagem pode valer, por exemplo, como símbolo de qualquer guerra, mas não vale como indício da guerra em particular que representa” (SOUSA, 2004, p. 65)

Cidade Fragmentada: Fotografias da vida urbana utiliza legendas indicando o local e data da fotografia auxiliando na construção da narrativa comparativa entre os bairros. Sem tais informações, a ideia central do projeto se perderia, tendo o texto destaque fundamental.

Segundo Sousa (2004), “os gêneros fotojornalísticos não são estanques, tal como os redatoriais. A identificação de um gênero fotojornalístico passa, por vezes, pela intenção jornalística e pelo contexto de inserção da(s) foto(s) numa peça” (SOUSA, 2004, p. 89).

Uma classificação possível para *Cidade Fragmentada: Fotografias da vida urbana* é o de “*features* de interesse humano” apresentado por Sousa (2004, p. 94). Nesta expressão, o fotorrepórter age numa esfera de maior liberdade artística e estilística. O importante é produzir uma imagem incomum, cheia de força visual, frequentemente colorida, capaz de atrair imediatamente o leitor, “evocando momentos que frequentemente fazem reparar na beleza do mundo, das pessoas e das coisas e amenizam a dureza do dia a dia” (SOUSA, 2004, p. 92).

Das dificuldades encontradas pela autora na produção dos *features*, algumas quanto à técnica, são abordadas por Sousa (2004), como a “capacidade de gerar significado e/ou

sensações com a imagem, selecionando, numa fração de segundo, o enquadramento, o ponto de vista, a velocidade, a profundidade de campo, etc” (SOUSA, 2004, p. 93) em situações nas quais as pessoas estão agindo naturalmente e o momento é ímpar.

A construção dessas imagens em uma narrativa visual que desse origem ao produto final deste projeto também foi estudada, pois tão importante quanto uma boa fotografia individualmente é sua força narrativa em conjunto. Conforme explicita Sousa (2004), “as histórias em fotografia são um gênero fotojornalístico em que uma série de imagens se integram num conjunto que procura constituir um relato compreensivo e desenvolvido de um tema. Nesse relato, as imagens devem mostrar as diversas facetas do assunto a que se reportam” (SOUSA, 2004, p. 101).

Assim, buscou-se construir a narrativa visual pela seleção de imagens que oferecessem a maior diversidade de faces do bairro (casas, pessoas, transporte, comércio, lazer) e que, quando unidas às dos outros três bairros, pudessem fornecer a comparação necessária sobre os modos e o padrão de vida assim como a história dos bairros escolhidos e pudessem ser um breve registro representativo acerca da cidade de Bauru.

1.3.2 Fotografia Urbana

Para o desenvolvimento do suporte teórico da fotografia de rua, especializada na captura do ritmo urbano, a autora utilizou livros-reportagem sobre cidade e análise de trabalhos de fotógrafos contemporâneos. Dois livros de maior inspiração e de discussão do que “merecia” ser fotografado são *São Paulo: três cidades em um século* (2007) e *Geração 00: A Nova Fotografia Brasileira* (2013).

Utilizando-se de análise do conteúdo considerado relevante pelos produtores de ambos livros, a autora elencou alguns detalhes urbanos de importância para pensar a contemporaneidade e a complexidade do viver urbano (Geração 00, 2013) como: a) análise das ruas (se são retas, como se cruzam, levam de onde para onde; qual o fluxo de carros e o fluxo de gente); b) análise do lazer nos espaços públicos ou práticas de lazer coletivo; c) análise do comércio (quem são e quantos são); d) análise de casas (material que são feitas, presença de muros, presença de jardins, quintal, período histórico); e os utilizou de critério para registro que buscou demonstrar em suas fotografias.

O outro eixo de pesquisa consistiu na análise de projetos de fotógrafos urbanos da contemporaneidade. Foram inspiração para este trabalho Ricardo Perini, Gustavo Minas, Pio Figueiroa, Letícia Lampert, Marcus Laranjeiras, João Correia Filho, Daniela Schneider, Walter Firmino e Cristiano Mascaro. Deles foi apreendido o uso pontual das cores, a utilização de luz e sombra como elementos de composição, as linhas e formas da arquitetura da cidade tais como os reflexos, o registro espontâneo das pessoas em sua vivência cotidiana, o registro metonímico da “parte” pelo “todo” trazendo maior criatividade às situações e a valorização das formas humanas em meio às formas urbanas.

Por fim, a fotografia produzida para este trabalho se orientou nos relatos do fotógrafo Cristiano Mascaro e Walter Firmino que destacam a simplicidade e a cor em seus trabalhos, tal como buscado pela autora em *Cidade Fragmentada*. Diz Mascaro:

Não busco fatos sensacionais ou grandes acontecimentos. Confesso ter um certo pudor e resistência em buscar tudo aquilo que tantos esperam da fotografia: o inusitado, a cena violenta, as mazelas da vida humana, o fato jocoso, os contrastes óbvios da nossa realidade. Satisfaço-me com a ilusão de ter visto em uma cena banal algo que ninguém foi capaz de perceber, como se aquela imagem fugaz fosse uma aparição exclusiva (MASCARO, 2006, p. 177)

E Walter Firmino completa, quanto à estética:

Se eu morasse na Islândia, em um país que não visse o sol, ao contrário do Brasil, que vê o sol todo dia, eu certamente seria um fotógrafo de preto e branco. O que me faz exatamente trabalhar com a cor é porque sou tropicalíssimo, vivencio um país que vê o sol todo dia. Isso é básico (FIRMINO, 2017)

2 Bauru

Como local de produção está a cidade de Bauru. De acordo dados do IBGE, em 2014, Bauru conta com 364.562 habitantes, ocupando os bairros periféricos, zona nobre, região central, loteamentos distantes da malha urbana e bairros históricos.

Fundada em 1896, o processo de urbanização da cidade ocorreu gradualmente até a instalação da Ferrovia quando há um *boom* de crescimento. Dados presentes no Plano Diretor Participativo indicam que na década de 1940 a população urbana bauruense correspondia a

50% do total. Já na década de 50, a população urbana passou para 80% e, segundo o censo do IBGE de 2010 (o último dado encontrado), atualmente 98% da população total de Bauru é urbana. A saber, Bauru possui 22 favelas (com 3000 habitações), 420 edifícios, entre prédios residenciais, comerciais e de serviços e 6000 residências em condomínios.

Diante disto, a escolha pelos bairros se orientou em buscar uma variedade de “cidades” dentro de uma, como demonstra Santos e Vogel (1985) em *Quando a Rua vira Casa: A apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro*, a cidade é uma representação dos inconscientes coletivos. Assim, optou-se por um bairro de cada uma das regiões cardeais (Norte, Sul, Leste, Oeste) e também que possuam uma formação histórica diferente, com um panorama sócio-econômico diverso resultando na região do Jardim Bela Vista (Norte), Jardim América (Sul), Pousada da Esperança II (Oeste) e Núcleo Habitacional Presidente Geisel (Leste).

A caracterização dos bairros foi um obstáculo para o desenvolvimento deste projeto experimental. Isto porque, embora a cidade de Bauru conte com bons historiadores e jornalistas, há pouco material sistematizado sobre a cidade dedicado a relatar a cultura dos bairros. A maior parte da documentação encontrada diz respeito à ferrovia Noroeste e ao slogan de “cidade sem limites”. Assim, o conteúdo abaixo foi construído a partir de retalhos de jornais, entrevistas, blogs e livros sobre a cidade.

O ponto inicial da cidade de Bauru é, como é comum na maioria das comunidades, a região próxima a rios. Na baixada da Rua Araújo Leite surgiram as primeiras moradias e comércio para atender aos moradores.

A história da cidade começa a se transformar no início do século XX, com o anúncio da expansão da Ferrovia Noroeste. Na Praça Machado de Mello, onde se localiza a Estação Ferroviária, saem as primeiras quadras de importantes ruas como “Batista de Carvalho, Primeiro de Agosto, Monsenhor Claro, Alfredo Ruiz e nossa Rodrigues Alves surgindo um pouco mais adiante, até para atender o ir e vir a bairros, que começavam a surgir na região oeste da cidade. Foi sim a primeira avenida de Bauru que ocupou seu espaço e cumpre até hoje, como travessia de carros no sentido leste/oeste” (CARDOSO, 2017).

Abaixo, a caracterização dos bairros é creditada à edição de aniversário de Bauru de 112 anos realizada pelo Jornal da Cidade (2008), demonstrando o ponto de vista da imprensa local quanto à cidade. Para complementar esta visão, a autora do projeto entrevistou

moradores antigos dos bairros fotografados para contrapor ou corroborar a descrição do jornal buscando chegar o mais próximo das realidades daquele espaço.

2.1 Bela Vista

“O bairro nasceu na década de 20 e atualmente é um importante centro de prestação de serviços. A origem do seu nome está relacionada com a visão privilegiada que tem do Centro da cidade. É o segundo bairro mais antigo de Bauru, ficando atrás apenas da Vila Falcão. Bairros que compõem a região: Vila Seabra, Vila Quaggio, Jardim Marajoara, Parque União, Vila São João, Vila Cordeiro, Vila Gonçalves, Vila Camargo, Vila Bichelli” (Cidades dentro da cidade. **Jornal da Cidade**. Bauru, 2008, p. 59). A área do bairro é de 438.000 m²¹.

A moradora do bairro há 40 anos, Mitsue Malda Rosa, 68 anos, servidora pública, diz que o bairro mudou muito desde quando começou a morar lá. O Rio Bauru foi canalizado evitando as enchentes na região, o viaduto que liga a região com o bairro Falcão tornou mais seguro o trânsito. Para ela, que viu o bairro crescer, a melhor coisa é conhecer a vizinhança. Segundo Mitsue, na maioria dos imóveis moram os próprios donos, evitando uma circulação de pessoas diferentes e favorecendo a boa convivência entre vizinhos. “Gosto demais daqui porque tem comércio, mercado, é perto da rodoviária, tem banco, tem a TV Tem (filial da Rede Globo), tem bares e lanchonetes, tem escolas públicas e particulares, tem praça...”, explica Mitsue. Antigamente, conta, a região era mais segura, “mas agora está ficando mais violento. Parece que o pessoal cansou da alta sociedade e resolveu entrar nas vilas onde tem mais ‘marmidão’”, comenta.

Nilton Pezzuto, 52 anos, biólogo, mora no bairro desde que nasceu. Ele conta que de lá para cá, o comércio cresceu e estabelecimentos de lazer como lanchonetes, restaurantes e bares também. “Ainda tem o Estádio de futebol, o Clube da Vovó para a terceira idade e o bosque. Sinto falta da época que tinha cinema aqui, hoje só tem em *shopping*”, acrescenta. Segundo Nilton, as regiões mais antigas do bairro são a Praça dos Expedicionários, onde localiza-se a TV Tem, a caixa d’água do DAE e a Igreja de Santo Antônio”. O asfalto também é uma mudança no bairro, que antes era com paralelepípedo. Nilton conta que acompanhou a mudança dos vizinhos para outras cidades e que, agora que estão aposentados,

¹ Conforme dados da Secretaria de Planejamento (SEPLAN) que forneceu a área dos quatro bairros fotografados.

estão retornando para suas casas. “Entre os bairros próximos ao centro, o Bela Vista é um dos mais caros, mas acredito que também é um dos com melhor infraestrutura”, finaliza.

2.2 Jardim América

O Jardim América é um bairro novo, mas abriga uma das avenidas mais importantes da cidade, a Nossa Senhora de Fátima. “A verticalização é um diferencial em relação a outros bairros de Bauru” (Cidades dentro da cidade. **Jornal da Cidade**. Bauru, 2008, p. 62). Compõem a região: Jardim América, Jardim Europa, Jardim Yolanda, Vila Aviação. A região é das mais altas da cidade. A área do bairro é de 665.000 m².

A moradora Maria Teresa Bernardi, 84 anos, professora aposentada, gosta do bairro. Ela mora na mesma casa há 30 anos. “O bairro era muito isolado, não tinha asfalto... eu fui a terceira casa aqui no quarteirão, hoje já não tem mais lugar para construir. Sinto falta da época que as pessoas andavam mais a pé na rua e a gente cumprimentava, conversava. Hoje todo mundo sai de casa de carro, né? Mas gosto dos meus vizinhos. Agora violento é, como todas as regiões da cidade. Mas me sinto protegida”. Para Maria, a melhor coisa do bairro é que tem os serviços e comércio acessíveis.

Seu Lázaro Fernandes, 84 anos, aposentado da Ferrovia Noroeste, mora há 65 anos no bairro. “Gosto demais daqui. Antes morava na Vila Universitária, mas vim pra cá no começo do bairro. O bairro estava crescendo, quase não tinha casa, asfalto, meio-fio e água faltava. Hoje isso tudo está bom. Tem farmácia, supermercado e as ruas são bem tranquilas. Se quiser movimento, a Avenida Nossa Senhora de Fátima é pertinho e lá tem de tudo. Só podia ter um banco mais próximo aqui da região. Eu não nasci em Bauru, mas não saio mais daqui”, completa.

2.3 Pousada da Esperança II

Localizado no Núcleo Gasparini, é a região com os “bairros mais distantes do Centro da cidade. Eles são a prova de como o município cresceu. A região foi bastante beneficiada com a duplicação da rodovia Marechal Rondon”. O núcleo Édison Bastos Gasparini, Mutirão Vanuire, Vila São Paulo e Pousada da Esperança 1 e 2 compõem a localidade (Cidades dentro da cidade. **Jornal da Cidade**. Bauru, 2008, p. 67). A área do bairro é de 1.438.000 m².

Valdeci Rodrigues de Lima, 65 anos, é dona de casa e mora no Pousada desde 1993. Na época, conta, comprou o lote por um preço bem em conta da família Pagani, responsável por lotear toda a região do Pousada da Esperança I, Pousada da Esperança II e Jardim Pagani. Antes o bairro era uma fazenda da família. “Eles ainda são os donos das terras por aqui. Eles parcelam em 15 anos o terreno (meio lote), você paga 200 reais e pouco por mês”, explica. Dona Valdeci conta que nasceu no Ouro Verde e veio para o Pousada para sair do aluguel. “Eu esperei o asfalto, a praça, quase não acreditei quando saiu isso em 2013 e o asfalto ano passado. Aqui melhorou muito com o crescimento do bairro e com o maior número de moradores. Só com luta, né? Agora tem posto de saúde, creche, escola pública. Tem projetos sociais para as crianças e para ajudar na reabilitação de usuários de drogas. Tem gente aqui com muita força de vontade e tem também os que gostam de destruir tudo. A academia ao ar livre já destruíram, mas é importante não desanimar”, Valdeci explica e acrescenta que gosta de morar no bairro. “Para mim, ter essa vista para a Natureza, poder ter um espaço para cuidar da minha horta, conhecer os moradores e ajudar ao próximo, essa vida eu não troco”.

Para Maria de Lourdes, 62 anos, autônoma, que se mudou na mesma época de Dona Valdeci, “podiam só melhorar os ônibus que vem para cá, tudo quebrado, por causa do asfalto que não é bom que nem no centro. E os pobres que andam mais de ônibus, né?”. Além disso, Maria acrescenta quanto à história do bairro que no começo os moradores puxavam a água e luz do bairro vizinho, a Vila São Paulo. Foi quando a Prefeitura percebeu que precisava regularizar o bairro. “Aqui era mais violento no passado. Hoje em dia mora gente de todo jeito e que quer lutar para ter uma vida melhor. Nisso diminuiu a violência e aumentou a presença da Polícia”, explica.

2.4 Núcleo Habitacional Presidente Geisel

O Núcleo Habitacional do Geisel foi entregue pela COHAB em 1980. As vias de tráfego foram construídas após a ocupação do bairro e as reivindicações dos moradores. Somente em 1980, a Avenida Nações Unidas foi estendida, ultrapassando a Rodovia Marechal Rondon, ligando o núcleo ao Centro da cidade e estimulando sua ocupação. Na época, foram construídas 2.222 residências. “A cada ano o bairro torna-se mais independente, firmando-se como uma verdadeira microcidade dentro de Bauru. Estão lá a Sorri, a Unesp, o Zoológico Municipal, o 4º Batalhão da Polícia Militar de Bauru e o Hospital Estadual. É

refúgio da classe média que procura sossego” (Cidades dentro da cidade. **Jornal da Cidade**. Bauru, 2008, p. 66). A área do bairro é de 1.111.000 m².

Para Greice Luiz, 31 anos, moradora do bairro desde 1994, o Geisel é muito querido. “Passei minha infância aqui, fechava a rua pra jogar vôlei, queimada. O bairro se unia na rua na Copa do Mundo, em festa junina. Existe esse companheirismo, essa coisa de família”. Para ela, que é comerciante, o crescimento do bairro podia estar melhor. “Não tem muita infraestrutura para o comércio crescer aqui e tem a questão de que as pessoas não tem muito o hábito de comprar no próprio bairro, preferem o Centro ou as regiões de comércio mais forte, como o Mary Dota”. Greice ainda relata que mora perto da quadra de esportes do bairro e que, no passado, lá havia uma vida comunitária ativa com campeonatos de basquete, encontro de pagode, campeonatos de futebol, mas que atualmente o espaço encontra-se abandonado e sem uso recreativo. “Eu acho que a Prefeitura deveria aproveitar esse megaespaço e utilizá-lo para coisas boas. Podia aproveitar os espaços de lazer e conhecimento que tem no bairro e gerar projetos com isso como o Zoológico, o Jardim Botânico, a Unesp...tais ações valorizariam o bairro”, completa.

Na opinião de Roseli Cristina Nonato, 62 anos, servidora pública e moradora do Geisel há 27 anos, o bairro cresceu “para os lados” nos últimos tempos. Roseli não mora nas casas construídas pela COHAB, ela construiu a própria casa. “Eu gosto do bairro, tem tudo que a gente precisa por aqui mesmo. Mas eu faço compra nos mercados maiores, confio mais no serviço e também peço remédio nas farmácias do Centro, quando não tem nas que ficam aqui. Aqui tem lojas, farmácia, posto de saúde e três escolas públicas. Acho o bairro tranquilo, mas sobre a violência, tem que se precaver”, aconselha.

Como percepção pessoal na execução das entrevistas, a autora acrescenta a dificuldade encontrada pelos entrevistados de descrever o bairro onde moram e sua história. Todos começaram um pouco confusos, tentando recriar no pensamento os caminhos diários e a infância/adolescência vivida no bairro. Participar do processo de reconstrução do cotidiano do entrevistado foi uma experiência gratificante.

3 Produção jornalística

Como critério para a construção da narrativa jornalística, a autora destaca a seleção de temas para fotografar, as fontes entrevistadas e o enfoque do projeto. Da necessidade de obter conhecimento acerca da região fotografada, a autora utilizou da técnica jornalística de entrevistas com moradores dos bairros. Como o texto não compõe o corpo final do produto, foram conversas informais não registradas previamente, mas de grande uso durante o processo de produção, pois só assim se pode registrar alguns momentos de convivência entre os moradores, estabelecimentos comerciais e fachadas de casas.

Outra fonte de informações acerca da cidade foi a Secretaria de Planejamento (SEPLAN) representada pela suplente Natasha Lamônica Moinhos, também integrante do Conselho do Município de Bauru. Por meio da entrevista obteve-se dados como a área dos bairros e os limites geográficos da região. Infelizmente, segundo Natasha, não há dados quanto ao número de habitantes de cada bairro porque não há um censo municipal. A cidade participa apenas do censo do IBGE que contabiliza o total do número de habitantes.

3. 1 Formato: O cartão postal

Para a ideia deste projeto experimental a autora considerou diversos formatos para execução, tais como exposição, revista, fotolivro, livro digital etc. Contudo, após estudar outros produtos fotojornalísticos, concluiu-se que seria inviável um produto de alto custo uma vez que o projeto ficaria restrito a um público alvo de classe A.

A autora buscou, durante a graduação, a comunicação mais democrática e como um instrumento de emancipação, auxiliando no processo de autonomia cidadã, e desta vez não poderia ser diferente. Portanto, em primeira opção tem-se a fotografia como linguagem mais abrangente. Em um segundo momento tem-se a temática ‘cidade’ como assunto de interesse de um público vasto e, em um terceiro momento, tem-se o formato de cartão postal como compilado desta produção e como produto final. Apresenta Kossoy (2002)

O advento do cartão postal, coincidentemente ao surgimento das revistas ilustradas entre outras formas de difusão impressa da imagem pictórica e, em especial da fotográfica, representou uma verdadeira revolução na história da cultura. As imagens mentais do chamado mundo real e as do universo da fantasia individual e coletiva se tornam finalmente acessíveis para a grande

massa. Um mundo portátil, fartamente ilustrado, passível de ser colecionado, constituído de uma sucessão infindável de temas vem finalmente saciar o imaginário popular (KOSSOY, 2002, p. 63)

Kossoy (2002) indica outro argumento interessante sobre os postais que motivou a autora na sua decisão pelo formato

Excetuando as já mencionadas vistas que documentam a arquitetura apoteótica do café [em São Paulo] que se instala nos pontos geograficamente nobres da capital, jamais encontramos fotos dos bairros operários e suas moradias. A ausência dessas imagens nos priva de uma documentação visual importante para o estudo das condições de habitação – e portanto de vida – de uma parte significativa da população. E isto não é, de modo algum surpreendente; tais temas que inexitem nas fotos de Gaensly [fotógrafo reconhecido na época] não eram sequer cogitados como assuntos fotográficos que pudessem figurar numa coleção de “vistas representativas” da cidade, seja através de postais, seja sob outra forma de divulgação impressa. Os postais não eram apenas veículos de correspondência, mas, também, instrumentos de propaganda, particularmente no caso de vistas das cidades (KOSSOY, 2002, p. 69)

Assim, este projeto experimental traz a produção de postais de uma cidade “mais real” com condições urbanas diversas e até mesmo precárias, buscando valorizar o uso do espaço urbano pelos seus moradores. Por fim, além desta relevância de acessibilidade e ferramenta de documentação visual, o cartão postal é também metalinguístico do ponto de vista do título deste projeto experimental. A *Cidade Fragmentada* está dispersa nos postais.

O produto final poderá ser comercializado em três formatos, a) um box maior contendo os boxes menores com postais de cada bairro; b) um box com todos os postais de determinado bairro; c) postais dispersos. Cada um dos formatos visa atender a um público diferente: o primeiro, a todos os bauruenses; o segundo, aos moradores dos bairros fotografados e o terceiro ao público interessado em geral.

Por se tratar de um registro fotográfico é, por si só, ligado a um espaço-tempo e conta a história da cidade em um determinada conjuntura sócio-econômica, podendo ser um produto atemporal como documentação de uma época.

...pesquisadores contemporâneos começam a vencer as barreiras da tradicional metodologia historiográfica, encontrado na imprensa ‘uma verdadeira mina de conhecimentos, não somente como fonte de sua própria

história, mas também das situações e acontecimentos mais diversos'. Na opinião de Wilhelm Bauer, 'a imprensa é como um diário de sua época, cuja consulta é necessária às gerações futuras, inclusive para descobrir os mais finos estímulos à vida pretérita (MELO, 2006, p. 227)

Quanto aos custos no processo de realização do produto final, somam-se as despesas com transporte dentro da cidade e a impressão dos postais. Há ainda os custos referentes aos instrumentos de produção como a câmera, a lente fotográfica, cartão de memória, HD externo e notebook, porém tais ferramentas já haviam sido adquiridas antes do processo de produção do projeto, não sendo incluídas no orçamento final.

Para a impressão do produto, foram cotadas quatro gráficas localizadas em Bauru que trabalham com projetos universitários. Foi realizado testes de impressão com o objetivo de que as fotografias impressas fossem o mais semelhante do que é visto pela tela do computador, onde foram editadas, valorizando os detalhes de cor e sombra. Assim, chegou-se a escolhida.

Orçamento final do produto:

Material	Valor
Impressão dos postais	R\$ 322,00
Impressão dos boxes	R\$ 189,00
Pessoal	Valor
Passagem deslocamento entre os bairros	R\$45,00

Gasto total: R\$ 556,00

3.2 Metodologia de execução

A metodologia do trabalho se deu em três vertentes: 1. pesquisa: bibliográfica de fundamentação teórica sobre o tema, quanto à técnica fotográfica a ser aplicada e seleção de referências fotojornalísticas; 2. produção: entrevistas com moradores do bairro e responsáveis administrativos da cidade; 3. elaboração do produto: execução, seleção de imagens, edição e diagramação. Assim descritas as etapas:

Primeira etapa: Pré-produção

1. Pesquisa histórica-bibliográfica sobre bairros da cidade de Bauru a fim de selecionar os escolhidos. Após uma breve seleção, conhecer os bairros antes de fotografá-los;
2. Identificar quais aspectos da infraestrutura urbana serão observados, analisados e registrados partindo de referências bibliográficas acerca de Urbanismo e trabalhos semelhantes como suporte;
3. Conversar com os moradores do bairro para obter informações sobre locais públicos para fotografar como comércios, igrejas, praças, parques;
4. Pesquisa de referências acerca de fotógrafos sociais e as técnicas empregadas no fotojornalismo e na fotografia documental;
5. Curso livre para aperfeiçoamento dos conhecimentos em fotografia;

Segunda etapa: Produção

1. Caminhar pelo bairro e fotografar. A base utilizada para os registros vem da referência Quando a Rua Vira Casa (1985): bairro, rua, quarteirão, casa, gente, vida cotidiana.
2. Selecionar referências teórico-metodológicas de diagramação de fotolivros;
3. Construir a narrativa e a identidade visual do produto;

Terceira etapa: Pós-produção

1. Seleção do material;
2. Escolher a estética visual das imagens;
3. Curso livre sobre edição de imagens no programa Adobe Lightroom®;
4. Edição das imagens;
5. Definir características de diagramação e impressão;
6. Diagramação do produto;

Cronograma

Meses (2017-2018)	Processos
Agosto	Elaboração pré-projeto
Setembro	Definição de projeto experimental

Outubro	Execução da pré-produção/Execução da produção
Novembro	Execução da pós-produção/Redação do relatório
Dezembro	Revisão do relatório/Impressão
Janeiro	Entrega do produto/Defesa

Posterior à elaboração de execução do projeto como um todo, deu-se a elaboração da metodologia do fazer fotográfico, assim descrito por Kossoy (2002)

- a. seleção do próprio assunto;
- b. seleção de equipamentos (câmera, objetivas, filtros etc) e materiais de captação de registro fotossensíveis (natureza e tipos de filmes);
- c. seleção do “quadro”, ou do enquadramento do assunto, construção criativa esta denominada geralmente de composição; trata-se da organização visual dos elementos integrantes do assunto com o propósito de alcançar, segundo determinadas condições de iluminação, uma sugestiva harmonia plástica na imagem final;
- d. seleção do momento; implica a decisão de pressionar o obturador num determinado instante visando a obtenção de um resultado determinado/planejado; a experiência (apoiada na indicação do fotômetro) estabelecerá qual a relação velocidade/abertura do diafragma a ser empregada para que se logre a exposição correta à luz que, naquele preciso instante, ilumina o assunto [...]
- e. seleção de possibilidades destinadas a produzir determinada “atmosfera” na imagem final; tratam-se das ações diretas na imagem - ou em alguma de suas partes -, realizadas durante o processamento no laboratório químico e/ou eletrônico - porque é bastante comum o uso combinado dos dois recursos - com o objetivo de atenuarem ou dramatizarem a representação” (KOSSOY, 2002, p. 28)

Durante o processo de produção das fotografias, a autora não interferiu diretamente no cenário em nenhum momento, mas reconhece a mudança das cenas apenas por sua presença no ambiente. Buscou-se na produção simular o ângulo de visão da altura dos olhos, escolhendo *plongés* e *contraplóngés* de forma intencional para dar magnitude a determinados assuntos.

A autora utiliza a fotografia de detalhe, sugestiva das formas, evitando a fotografia apelativa ou dramática, buscando a reflexão mais pela sensibilização que pelo incômodo. A inspiração vem de Calvino (1972):

raramente o olhar se fixa numa coisa e, quando isso acontece, ela é reconhecida pelo símbolo de alguma outra coisa: a pegada na areia indica a passagem de um tigre; o pântano anuncia uma veia de água; a flor do hibisco, o fim do inverno. O resto é mudo e intercambiável (CALVINO, 1972, p. 8)

As maiores dificuldades na execução do projeto foram encontrar fontes dispostas a falar e que tivesse memórias acerca dos bairros, por isso há um número limitado de entrevistas reportadas. Essa problemática foi resolvida utilizando como fonte a pesquisa documental em livros e publicações comemorativas da imprensa.

A segunda dificuldade diz respeito ao clima. Buscou-se visitar os bairros em diferentes dias da semana e horários para conseguir uma amostra mais próxima da realidade. As visitas foram realizadas às segundas, quartas, sextas e sábados, entre o período das 10h-13h e das 16h-19h. Assim, alguns horários, como o das 13h-15h, foi evitado devido à forte incidência de sol e o projeto exigir caminhar ao ar livre. Além disso, durante o período de execução também ocorreram fortes chuvas, algumas vezes as visitas aos bairros tiveram de ser adiadas para evitar danos aos equipamentos e enchentes.

Outra questão pertinente à execução de *Cidade Fragmentada: Fotografias da vida urbana* diz respeito à autorização do direito de uso da imagem. Como a proposta do projeto é captar o cotidiano dos bairros, a autora acredita que conversar primeiro com as pessoas e depois fotografá-las impede a espontaneidade da cena registrada. Assim, alguns registros, de tão breves os momentos, sequer foi possível conversar com o fotografado.

Já em alguns momentos, nas fotografias que as pessoas olham diretamente para a câmera, ocorreu o diálogo, pois houve o interesse da pessoa em ser fotografada. Além disso, a autora esclarece que as circunstâncias de produção do projeto experimental tem finalidades acadêmicas e não lucrativas e se atentou em evitar situações nas quais os personagens estão expostos em situações precárias, de risco ou ilegais.

Contudo, a autora ressalta a importância do fotografado ter consciência da fotografia produzida, em trabalhos profissionais futuros, tanto do ponto de vista ético de exposição

quanto ao direito do retratado dizer se concorda ou não com a versão do momento registrada pelo fotógrafo e a forma como o representou.

A problemática do transporte urbano dentro da cidade de Bauru também foi uma dificuldade. Foi observada que, para a região da Bela Vista (Bauru Shopping / Jd. Planalto - V. Lemos / UPA Bela Vista) , havia ônibus a cada 20 minutos. Para se locomover para o Jardim América, a cada 40 minutos (Paraíso/ Dutra - Villaggio/ Jd. Europa). Para ir até o Geisel (Rosa Branca - Tecnológica) também a cada 40 minutos e, até o Pousada (Pousada da Esperança - Centreville), a cada uma hora. Assim, o planejamento das visitas implicou um bairro por vez.

Por fim, a última questão envolvida na execução do projeto diz respeito a sua finalização. A autora, graduanda em Jornalismo, precisou entrar em contato com *designers* que a auxiliassem nas diretrizes de diagramação para a impressão proposta. A ajuda veio do estudante de Design Gráfico, Matheus Gonçalves, que auxiliou nas diretrizes da impressão dos postais e dos boxes, os quais a autora diagramou. Matheus é membro do Laboratório de Design Gráfico da Unesp Bauru, o Inky Design.

A autora aponta como falha na sua formação acadêmica o fato de não se ter o hábito de imprimir os trabalhos realizados, dificultando noções mínimas de planejamento gráfico. Assim, apreendeu-se conceitos como gramatura do papel, laminação, sangria, vinco, linha de corte, faça e formatos de arquivo para fotografia e para cartão postal para que se mantivesse a qualidade da imagem, os tons de cores, luz e sombra semelhantes ao produzido pela câmera e visto na tela do computador após a edição.

3.3 Descrição técnica

Os equipamentos utilizados na produção do projeto experimental foram uma câmera fotográfica Canon modelo T5i, lente 18-55mm e notebook Semp Toshiba IS 1414. A autora gostaria salientar o desejo de ter utilizado lentes grande angulares, com maiores aberturas diafragma, produzindo imagens mais claras, mas por questões financeiras não foi possível.

A etapa de seleção das imagens baseou-se em critérios como a) repetição daquela característica em todos os bairros demonstrando uma qualidade de vida semelhante; b) características únicas que se repetem dentro de cada bairro trazendo a identidade própria daquele bairro; c) presença de pessoas na rua; d) característica das casas no quesito segurança

e zelo; e) características de consumo do bairro demonstradas pelo comércio; f) fotos esteticamente diferentes uma das outras conferindo maior criatividade ao produto final.

Foram produzidas 785 imagens ao todo. A partir dos critérios apresentados acima, após o descarte das imagens esteticamente irregulares como fotografias muito claras, muito escuras ou tremidas, foram selecionadas as que contam de forma mais abrangente a história do bairro, se complementando. Desta forma, selecionou-se fotografias que representam parte das moradias, outras que representam parte dos moradores, outras que representam parte do comércio, outras que representam parte do fluxo de pessoas para que, na narrativa final, houvesse uma boa amostra da constituição do bairro.

Caso não haja fotografias em determinado bairro sobre alguma dessas vertentes é porque não foi encontrada amostra para registro nas datas visitadas. As fotos com orientação horizontal também foi um critério para a seleção, preferindo este formato à orientação na vertical. A autora delimitou uma amostra de 20 imagens para cada bairro por considerar um número suficiente para representar as maiores percepções acerca daquela região e o que é de maior destaque e referência para os moradores, evitando que o propósito do projeto se perdesse entre muitas imagens.

3.4 Identidade Visual

O tratamento das imagens foi realizado no programa Adobe Lightroom® ajustando questões de temperatura, cor e contraste entre luz e sombra. Foi aplicado em todas as fotografias o recurso “curva de tons” ajustando realces, sombras, pretos e brancos de forma semelhante conferindo identidade visual ao trabalho. A “temperatura quente” escolhida é a mais próxima da captação pois durante a execução do trabalho predominaram os dias de sol em detrimento de dias nublados (“temperatura fria”), permitindo registros mais amarelados.

A edição das fotografias visa destacar as cores da vida urbana além do que percebemos diariamente com o intuito de despertar o olhar do público para a cidade enxergando na mesma cores, detalhes e conflitos que passam despercebidos por nossos olhares já acostumados com o mesmo cenário diariamente. Assim, a edição usou como referência o trabalho de Ricardo Perini consistindo em fotografias com o uso de destaque de até 4 cores e luz e sombra contrastadas auxiliando no destaque das informações mais importantes da foto. Afirma Kossoy (2002)

A imagem que será aplicada em algum veículo de informação é sempre objeto de algum tipo de “tratamento” com o intuito de direcionar a leitura dos receptores. Ela é reelaborada - em conjunto com o texto - e aplicada em determinado artigo ou matéria como comprovação de algo ou, então, de forma opinativa, com o propósito de conduzir, ou melhor dizendo, controlar ao máximo o ato da recepção numa direção determinada: são, enfim, as interpretações pré-construídas pelo próprio veículo que irão influir decisivamente nas mentes dos leitores durante o processo de construção da interpretação (KOSSOY, 2002, p. 55)

As fotografias foram captadas em RAW (formato cru) que mantém a tonalidade dos dados da imagem tal como captada pela câmera fotográfica.

Considerações finais

A autora pode dizer, sem hesitação, que este trabalho a transformou em inúmeros aspectos ao buscar olhares alternativos, cotidianos, inesperados e desarmados sobre facetas, pontos e características que estão ali, disponíveis, mas dificilmente notados como imagens que podem ser cristalizadas e oferecidas como representativas dos espaços.

Ao desenvolver o tema em fotografia, houve desafios pelas limitações técnicas, pela dificuldade em codificar e decodificar a realidade, pela dualidade que uma imagem permite, pelo constante cuidado em ser justa com o visível sem esquecer do menos visível, pela sutileza em fotografar desconhecidos, pelo cuidado em andar pela rua sem perder o detalhe da cena. Por querer trabalhar com fotografia e com o cenário de produção cultural, o trabalho trouxe à autora uma experiência em resolução de crises e perder o medo e a timidez ante ao outro muito grande.

Foi, também, uma experiência maravilhosa do ponto de vista em “romper a bolha” universitária que a autora esteve imersa durante os quatro anos. Enquanto universitários com diversas tarefas e disciplinas, nem sempre é possível se aproximar de realidades distantes da que estamos inseridos. Estar em tantos bairros diferentes e conversar com tantos tipos de pessoas foi uma gostosa aventura.

A intenção da autora nunca foi ser apenas uma produtora de conteúdo, uma comunicadora, uma repórter que redige o dia todo em frente ao computador. Ter o contato

humano com pessoas em seu cotidiano é o que a inspira e move na profissão e por isso a escolha do formato deste projeto.

Nenhum dos bairros escolhidos a autora morou e isso auxiliou numa visão crítica do local, sem laços afetivos ou memórias. Por outro lado, também exigiu uma imersão a cada visita, para que fosse possível captar a identidade do lugar.

Para relatar a experiência quanto à violência, a autora desenvolveu seu trabalho de duas formas. Em alguns momentos, acompanhada e, em outros, sozinha. Não houve diferenças quanto à recepção e preocupação durante o desenvolvimento do trabalho. A desconfiança, por parte dos moradores, se manteve.

De fato, a cidade é perigosa e o lugar que você mora faz diferença no modo como você encara o medo e se sente ameaçado. Em alguns relatos, os moradores pouco se assustam, acostumados. Em outros, a resposta à violência é mais veemente e perceptível. À autora, nada aconteceu. Buscou-se evitar os locais recomendados pelos moradores, evitar expor pessoas e, também, evitar fotografar no período noturno. No fim, ainda que a cidade não seja tão violenta o quanto se diz, é preciso estar atento.

Por fim, o mérito deste trabalho está na documentação de uma cidade em transformação e levantar o debate sobre a estrutura urbana, seus moradores e a qualidade de vida que Bauru oferece e, quem sabe, auxiliar na melhoria para uma cidade cada vez menos fragmentada e cada vez mais integrada, igualitária e sustentável.

A aluna entrega *Cidade Fragmentada: Fotografias da vida urbana* muito satisfeita com o produto final. Embora os percalços e as possíveis melhorias, a autora acredita na originalidade da produção, na urgente discussão do tema e na necessidade de olhar o outro e o mundo com interesse genuíno, detalhes que na opinião da estudante está em falta no jornalismo hoje. E é com esta visão que a estudante busca atuar como jornalista.

Referências bibliográficas

AUGÉ, Marc. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**; tradução Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papirus, 1994.

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**. 9 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

FABRIS, Annateresa. **Fragmentos urbanos: representações culturais**. São Paulo : Studio Nobel, 2000.

BAURU, Prefeitura Municipal. **Plano Diretor Participativo**. Disponível em: <http://hotsite.bauru.sp.gov.br/arquivos/website_planodiretor/website_planodiretor_etapas.pdf>. Data de acesso: 08/08/2017.

CALVINO, Ítalo. **Cidades Invisíveis**. São Paulo: Biblioteca Folha, 1972.

CARDOSO, Renato. **Por onde começou Bauru?**. Disponível em: <<https://www.vivendobauru.com.br/por-onde-comecou-bauru/>>. Data de acesso: 10/10/2017.

CHIODETTO, Éder (org). **Geração 00: A nova fotografia brasileira**. São Paulo: Edições Sesc, 2013.

CIDADES dentro da cidade. **Jornal da Cidade**. Bauru, 1 de Agosto de 2008. Edição Bauru 112 anos, p. 50-67.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. São Paulo: Annablume, 2011.

GERODETTI, João Emílio; CORNEJO, Carlos. **Lembranças de São Paulo - O Interior Paulista nos Cartões-postais e Álbuns de Lembranças**. São Paulo: Solaris, 2001.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 3 ed, 2011.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & história**. São Paulo: Ateliê, 2001.

_____. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. Cotia: Ateliê, 2002.

LIMA, Juliana Domingos de. Entrevista com Walter Firmino. **Jornal Nexo**, São Paulo, out. 2017. Disponível em: <<https://www.nexojournal.com.br/entrevista/2017/10/20/Walter-Firmino>>. Data de acesso: 20/10/2017.

MASCARO, Cristiano. **Luzes da cidade**; textos de Antonio Candido, Rubens Fernandes Jr., Sebastião Salgado. São Paulo: DBA, 1996.

MATSUKA, Hideki. **A cidade fotográfica: estudo da percepção e expressão do espaço urbano através do olhar**. 2008. 116 f. Dissertação (mestrado) – Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2008.

MELO, José Marques de. **Teoria do jornalismo: identidades brasileiras**. São Paulo: Paulus, 2006.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SALGADO, Sebastião; **Da minha terra à Terra**. Tradução: Julia da Rosa Simões. 1ª ed. São Paulo: Paralela, 2014.

SALGUEIRO, Teresa Barata. Cidade pós-moderna: espaço fragmentado. **Revista TERRITÓRIO**, ano III, nº 4, jan./jun. 1998. Disponível em: <http://www.revistaterritorio.com.br/pdf/04_4_salgueiro.pdf>. Acesso em: Outubro de 2017.

SANTOS, Nelson Ferreira dos; VOGEL, Arno. (Coord.). **Quando A Rua Vira Casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro**. São Paulo: Projeto, 1985.

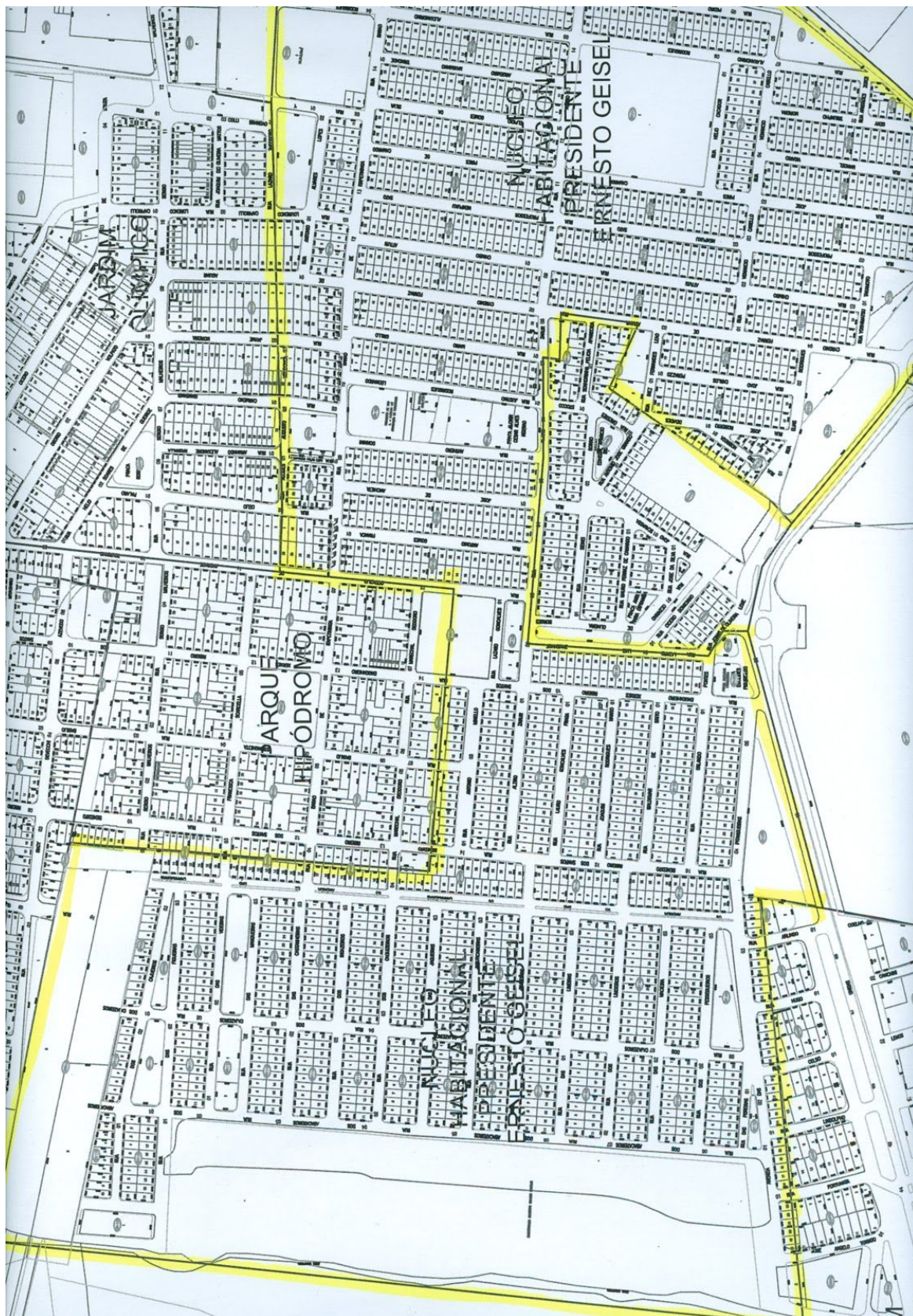
SOUSA, Pedro Jorge. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Chapecó: Argos, 2004.

_____. **Fotojornalismo: introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

TOLEDO, Benedito Lima de. **São Paulo: três cidades em um século**. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.

Anexos

1. Mapas dos bairros fornecidos pela Secretaria de Planejamento (SEPLAN) de Bauru









2. Fotografias que resultaram no cartão postal

Podem ser encontradas neste link

<https://drive.google.com/file/d/1q9W1ogq8iGtOCF1y-GN87Whppmo58VhV/view?usp=sharing>